

Ver Vai Além de Enxergar: O Turismo e a Construção das Suas Paisagens.

Sylvana Kelly Marques da Silva*

RESUMO

Este artigo analisa o processo de construção histórica do que hoje entendemos por Paisagem Praiana, sua apropriação e seu uso a partir das transformações operadas em diferentes períodos e geradas principalmente pelas mudanças das sensibilidades em relação ao mar. Sob este enfoque, observamos que os homens constroem e reconstróem permanentemente os espaços, sendo os fatores naturais e culturais imperativos na própria conformação das estruturas simbólicas, imaginárias, econômicas e sociais. A pesquisa foi idealizada a partir do discurso da promotora de Justiça em defesa ao Meio Ambiente e autora do livro “Cidade Sustentável” Gilka da Mata. A metodologia incluiu pesquisa bibliográfica teórica sobre o tema, a região, sua história e cultura, focalizando a praia de Ponta Negra, em Natal. Marcada por significativas mudanças em suas formas ganhou destaque após a década de 1990, período em que foi implantado o Programa de Desenvolvimento Turístico do Rio Grande do Norte. Desse modo, buscamos compreender como a paisagem foi cultural e historicamente estabelecida, contribuindo, portanto, para o seu entendimento não como um cenário construído ao bel-prazer da natureza, mas enquanto um conceito humano, carregado de significados, sentimentos.

Palavras chave: Turismo. Paisagem litorânea. Construção espacial. Praia de Ponta Negra.

* Mestranda em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Especialista em Gestão e Estratégia de marketing pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá/ RJ; Bacharel em Turismo pela Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte Email; Bolsista CAPES. E-mail: sylvanakelly@ymail.com.

Introdução

A praia contemporânea está cada vez mais disputada, mais construída e consumida, um produto emergente das relações humanas. Para entender sua construção é preciso primeiro identificar como sua paisagem foi cultural e historicamente estabelecida, não como um cenário natural, mas enquanto um espaço humanizado, carregado de significados e sentimentos que se diferenciam com o tempo.

A paisagem praiana, de acordo com o que conhecemos nos dias de hoje, aprazível, paradisíaca, relaxante é uma construção humana, é um conceito produzido a partir de um olhar treinado e culturalmente codificado, uma interpretação, marcada pelas atividades do homem em seu tempo e espaço, de acordo com as suas dimensões culturais. Nós a definimos, pois o ato de olhar não é passivo, se constitui em uma interpretação de acordo com o juízo que emitimos a partir daquilo que nos chega, ou seja, não é uma percepção passiva, mas uma construção mental da qual participamos de modo ativo (LEGUIZAMÓN, 2008).

O desejo que o homem tem do mar é fundamental para as cidades litorâneas nordestinas que vêm sendo turistificadas, que estão se construindo através de um fluxo turístico que busca sol e mar, em busca de harmonia com a natureza. Esse modelo tem grande influência das políticas públicas locais e regionais que criam paisagens que se constituem em mercadoria para serem vendidas e contempladas. É de fundamental importância para compreendermos esse processo de apropriação da paisagem entender que o território, esse espaço ao qual atribuímos sentido, transcende o espaço físico, vai além de ser um palco para as tramas humanas. O território é incorporado pela sociedade que o transforma no lugar do espaço vivido e transforma-se a si mesmo, através de um processo contínuo e dialético, dando a este uma identidade, um sentido (RODRIGUES). Afirmamos, então, que o processo de construção da paisagem turística de Ponta Negra deve ser observado a partir dessa ótica.

1. Consumo da paisagem “natural” na praia de Ponta Negra

Em Natal, acompanhamos as últimas notícias sobre o embargo das obras dos “espigões de Ponta Negra”, altos prédios que se forem construídos podem prejudicar a visibilidade do que muitos consideram o mais importante cartão postal de Natal: a praia de Ponta Negra com o exuberante morro do Careca, duna com 120 metros de altura, de alto valor cênico paisagístico, com grande interesse econômico para o turismo.

A promotora do Meio Ambiente, em Natal, Gilka da Mata, expressa na entrevista concedida ao jornal RN TV, em 26 de janeiro de 2010, seu descontentamento em relação ao processo de verticalização promovido pelas imobiliárias no entorno da praia:

“Quanto mais distante a gente chega, mais vemos o conjunto de dunas que se quer preservar. [...] quanto menos construções tivermos na frente dessas dunas maior o interesse econômico, porque turismo se vende com paisagem natural e não com paisagem construída.”¹

A Promotora tem mesmo razão quando diz que turismo se vende com paisagem natural? Podemos concordar com Gilka da Mata quando esta se refere à paisagem das dunas, da praia como sendo natural? Entendemos que natural significa “que vem da natureza, sem afetação, em que não há trabalho ou intervenção do homem”.²

Quando Gilka da Mata afirma que o turismo se vende com a paisagem natural, oblitera totalmente a ação humana, esquecendo que para essa “Paisagem Natural” tornar-se turística, foi antes necessário seu enquadramento nas fotografias, os insistentes folhetos promocionais e reclames publicitários em que regularmente as imagens de um mesmo local são difundidas. É por meio da ação humana que a paisagem ganha significado e importância.

Em Natal, a praia de Ponta Negra foi fabricada como uma das paisagens símbolo da cidade em cartões postais e reclames publicitário.³ A cena da praia de Ponta Negra vendida turisticamente é uma paisagem recortada e construída segundo os moldes da nossa atual sociedade, uma paisagem criada recentemente pelo homem para simbolizar e identificar uma região segundo os seus interesses. O Turismo materializa e

1. Matéria do programa jornalístico RN TV (TV Cabugi), em 26 de jan. 2010.

2. Pode-se ver o significado de natural em: ROCHA, Ruth. **Minidicionário Ruth Rocha**. São Paulo: Scipione, 2004.

3. Sobre os conceitos de apropriação, fabricação e disputa espacial, ver Durval Muniz de Albuquerque Jr., **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: JNB: Ed. Bagaço; São Paulo: Cortez. 2006, p. 65-67.

mercantiliza o espaço dito privilegiado, não pela mãe natureza, mas pelo imaginário social, que possibilitou a produção da praia para ser consumida de acordo com a demanda social desta época, mais especificamente a partir da década de 1990.

Em busca de amenizar os inconvenientes de uma vida urbana, acontece um retorno do homem em busca da natureza, da paisagem natural, da paisagem paradisíaca, das águas mornas, de coqueirais, dunas e todo prazer que essa cena é capaz de oferecer. Esse movimento está relacionado a uma concepção moderna da natureza. Essa natureza moderna, que tem origem ainda no Renascimento, torna-se hegemônica no século XIX, autônoma diante de Deus, onde o homem se encontra e se reconhece como parte integrante dela. As praias turisticadas traduzem esse desejo.

A praia de Ponta Negra é concebida como um espaço arquitetado física, social e culturalmente, baseado em um modelo de uniformização do litoral nordestino. Definida como turística, sua paisagem foi construída para ser consumida. Entendemos, a partir de Schama, que a natureza para ser natural precisa ser selvagem, não definida, não descoberta pelo homem; se este a descobre e a identifica, seu sistema natural é modificado e dotado dos sentidos humanos e da bagagem cultural que este carrega (SHAMA, 1996).

Ao longo do processo histórico, a natureza vem sendo reconstruída de acordo com as práticas sociais e os discursos que a envolvem, criando e identificando seus espaços. Houve uma redescoberta da natureza pelo turismo. Aqui em Natal esse processo é percebido a partir da realização das políticas de turismo, configurando o litoral em um segmento econômico estratégico. Sobretudo em meados da década de 1990, após a implementação do “Programa de Desenvolvimento do Turismo no Rio Grande do Norte” (PRODETUR/RN), no qual os gestores desenvolveram ações para impulsionar e dotar o litoral de acordo com formas e espaços adequados para a prática do turismo (FONSECA, 2005).

Vale ressaltar que, ao longo do tempo, nem todas as culturas têm a natureza como benéfica, como aliada à vida e ao homem. Em cada época, em cada espaço, seu significado é diferenciado, mutável. Neste caso, o tempo e o espaço são a argamassa da construção das paisagens e de acordo com o nosso espaço e com a nossa bagagem

cultural formulamos nossas interpretações através de códigos, crenças, mitos e lembranças.

O Turismo através das suas práticas recorta e se apropria dos lugares adequando-os para serem visitados e contemplados, adequando-os para serem paisagens, paisagens possíveis somente de serem contempladas e interpretadas através dos nossos enunciados sociais e culturais. Pode-se afirmar, conforme o historiador Durval Muniz (2006 p.27), que “Nossos territórios existenciais são imagéticos. Eles nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura” e a partir dessa relação é que somos capazes de dar às feições a natureza que está intimamente ligada aos lugares e as práticas nela desenvolvida (ALBUQUERQUE Jr., 2006.p.27).

Ponta Negra vem sendo moldada turisticamente, pois muitos são os olhares, imagens e discursos que a constroem, ou seja, um sistema de signos, produzindo um espaço próprio, peculiar, aquilo que podemos chamar de estratégias de reconfiguração dos espaços ⁴. O circuito empresarial turístico dela tem se apossado, construindo-a através das propagandas publicitárias, fotografias e de diversos veículos, desnudando-a conforme o desejo do visitante, para que este a consuma, como assegura o anúncio:

Uma região de vasta diversidade natural, praias virgens e com paisagens exclusivas [...] Siga em direção a Ponta Negra, uma babel com gente do mundo inteiro e infra - estrutura turística. Não esqueça uma foto com o Morro do Careca ao fundo [...] Um lugar que agradaria a gregos e troianos. Mas, como não fica na costa do Mediterrâneo, acaba encantando fulanos e sicranos (GUIA NATAL, 2009, p. 14-15).

Tais anúncios reproduzem os símbolos da turistificação massificada, que é muito forte na cidade, e acompanham todo um contexto político, cultural e sócio econômico. Com a valorização da área litorânea, a partir de 1980, o turismo em Natal vive um período *sui generis* em que a paisagem da praia incorporada ao fenômeno turístico tornou-se um espaço produzido dentro da ótica de uma sociedade mercantilizada. A praia configura-se então num produto de venda para aqueles que oferecem o turismo e de consumo para quem o pratica.

4. Para entender o conceito das estratégias de configuração dos espaços ver: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004 .

2. Itinerário histórico da praia: as paisagens do medo, da cura e do prazer

Explorar novas paisagens sempre foi interesse do ser humano. As viagens de Marco Pólo na Europa despertaram o desejo dos aventureiros de conhecer novas regiões. A literatura dos séculos XIV e XV é rica nas descrições de viagens a ilhas paradisíacas, cheia de imagens, cheias de mitos que eram interpretados a partir do entendimento que se tinha dos textos bíblicos. No século XVI, a descoberta do novo mundo causou um grande impacto no homem europeu, que desconhecia toda essa realidade. Surge um novo continente, novos signos, há toda uma revolução conceitual, um alargamento do mundo e através dessas descobertas começaram a surgir às literaturas dos viajantes que relatam esse Novo Mundo (COELHO, 1998).

Durante esse período, o mar é visto como uma fronteira entre dois mundos distintos: o conhecido e o desconhecido, o definido e o indefinido. Misterioso, o mar é marcado fortemente pelas interpretações bíblicas que o revelam como um grande abismo surgido após o dilúvio, indomável, inacabado e desordenado. Essas são algumas das impressões ligadas diretamente ao mar, dentro de um contexto em que monstros abomináveis e tempestades terríveis amedrontam e povoam o imaginário coletivo. O mar tornava-se o oposto do paraíso onde viveu Adão, o contrário do Éden, que é seguro, calmo, sem tempestades, uma eterna primavera. No paraíso não existia o mar.

Dos principais livros deste período sobre as teorias da terra, destaca-se o de Thomas Burnet que descreve o fundo do mar como um terrível abismo de aspecto horrendo que se não fosse coberto pelas águas revelaria ao homem o mais pavoroso espetáculo oferecido pela natureza (CORBIN, 1989). O mar seria então um mundo condenado, submerso, infernal e obscuro, um mar satânico de imagens repulsivas, “uma paisagem tão hostil que nem mesmo a morte poderia ser pior, sua simples recordação propicia um terror tamanho que se torna um verdadeiro castigo descrevê-lo” (GALDINO, 2006, p. 09). Essas são interpretações sobre o mar que até meados do século XVII assombraram e povoaram a mente humana. Nesse cenário, o mar ainda não é local para o homem (CORBIN, 1989).

Quando Satã foi retirado da história mental do Ocidente, no último quarto do século XVII, revela-se um novo momento; de desenvolvimento da marinha, de

conquistas e progressos nos estudos da oceanografia. A teologia natural desloca a imagem de Deus do terrível liberador das águas do grande dilúvio para um Deus tranqüilizador do mar, um apaziguador que soube impor limites às águas do oceano e que ofereceu ao homem a natureza em toda a sua perfeição (CORBIN, 1989).

A crença religiosa cristã adaptada à teologia natural e ao cenário das novas descobertas começava a produzir um mar domado com suas ondas subjugadas. É o período em que ocorreu a valorização da natureza, dada por Deus em toda a sua bondade.

Talvez o universo não fosse nem a massa informe e indiferente vista pelos materialistas quando olhavam as estrelas, nem o brinquedo bobo do altíssimo, feito a sua imagem e manipulado segundo a sua vontade, como afirmavam os cristãos. Talvez a divindade fosse à natureza (SHAMA, 1996, p.256).

A natureza passa a ser divina em toda a sua perfeição, um presente de Deus para os homens. O ocidente passa a apreciar o litoral como um local digno e abençoado. A praia adquire os sentidos da estética clássica em voga no período, passando a ser observada como um lugar onde imperava a graciosidade e de apreciação da dimensão do mar. A partir desse novo olhar, surge a motivação para as viagens nas quais os turistas, fascinados pelas leituras clássicas, desejavam percorrer as mais belas praias antigas, que se tornaram um espetáculo a ser vivido e um aprendizado, constituindo assim uma prática turística (CORBIN, 1989).

Os anseios da elite letrada, que tinha acesso à literatura clássica, que podia viajar e que almejava viver e sentir a praia eram guiados em torno das narrativas clássicas. A literatura clássica conduziu essa elite, que desejava um aprimoramento cultural, às praias. Embora com a imagem da praia convertida, apaziguada, há uma particularidade que deve ser observada: o homem não exprime o desejo de afrontar seu corpo com as ondas, de mergulhar no mar. Ainda com os novos sentidos que o mar adquire em fins do século XVII e durante todo o século XVIII, as lembranças literárias e bíblicas provenientes do universo mental europeu até meados dos Setecentos não foram transformadas de forma total e imediata pela intervenção da ciência.

As imagens bíblicas ainda povoavam a mentalidade deste período. Desse modo, percebemos que o sentido dado à praia está inscrito no teatro da memória, nas práticas sociais vigentes com as quais apreendemos o mundo que está ao nosso redor (CORBIN,

1989). Os processos de transformação de uma época, de mudança de mentalidade, de uma sensibilidade para outra, sempre deixam rastros. Mesmo sendo mudança, ruptura, também tem suas continuidades. E isso se reflete na forma como enxergamos determinados elementos nesse ou naquele período. Nesse caso, o objeto em questão é o mar.

O discurso racionalista, a forte reação contra as crenças religiosas e o desenvolvimento das ciências médicas, advindos do Iluminismo, que tinha como conceito a ênfase nas idéias do progresso, na perfeição humana, assim como na defesa do conhecimento racional como meio para a superação de preconceitos e ideologias tradicionais, gestados nos séculos XVIII e XIX, começam a nutrir diferentes idéias sobre certos costumes (SANTOS, 2002)

As mudanças tecnológicas modificaram a nossa relação com o mundo, pois elas mediam e alteram os nossos conceitos sobre ele. Os conceitos são construídos pelo homem a partir da sua experiência e sintetizam as relações deste com o espaço, dão aglutinação aos espaços, classificam as coisas, transformam uma realidade, que é humana, permitindo que nos apropriemos das coisas. Dessa forma, os espaços onde estava inserida a natureza começam a ganhar novos sentidos (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008).

Sendo assim, as novas formas de apreensão da natureza, os novos conceitos convertem-se dentro dos valores do homem ocidental. A natureza tornava-se fonte de renovação da energia vital do corpo. No ocidente, os indivíduos começam a compreender que com os novos costumes do progresso, com mais tempo livre, com as novas tecnologias, o corpo ficou relegado à indolência, em meio a outros inconvenientes que a sociedade industrializada trouxe ao corpo e à mente (SCHAMA, 1996).

As novas práticas e regras começam a surgir no interior de um grupo privilegiado socialmente, que, orientado por seus médicos vai ao encontro do mar. Cientificamente, o mar ganhou foro de terapêutico, medicinal, curativo do corpo e da alma, capaz de impedir o alastramento das putrefações, dissolver os tumores e eliminar as secreções glandulares impuras, entre outros males. E para usufruir do poder curativo do mar o homem deveria inalar o ar salino e se banhar nas águas frias da praia (ARRAIS, ANDRADE, MARINHO 2008).

Os discursos médicos abriram o cenário para o homem mergulhar nas águas marinhas. O mar agora é local para o homem e atua em seu benefício. Insere-se a moda do banho frio e o espaço da praia começa a ser dotado de passeios para pedestres, bancos são instalados em frente ao mar, belas casas começam a ser construídas e em seqüência surgem as estações balneares que proporcionavam aos banhistas conforto e privacidade. E assim, a ida ao mar deixa de ser uma prática destinada somente aos enfermos em busca de cura. A realeza, os nobres, os talentos e as grandes personalidades da moda vão à praia e buscam além dos ares saudáveis a sociabilidade e o conforto oferecido pelas estações de banho, que já começam a se espalhar por toda a Europa (Ibidem).

As condutas adotadas por esse privilegiado grupo freqüentador das estações balneares servem de parâmetro. Suas posturas são entendidas como dignas, civilizadas e próprias. Esses hábitos ganham visibilidade e ainda segundo Corbin (1989), o desejo de imitar-lhes, de adquirir status, além das indicações médicas fez com que os burgueses comessem a reproduzir e a materializar essa prática, buscando os balneários. A burguesia começou a freqüentar um espaço criado a princípio para o restrito grupo vindo da realeza e da nobreza. Houve então a necessidade de incorporar normas e condutas reguladoras ao ambiente; como o recrutamento dos freqüentadores e a mudança no calendário da temporada para uma freqüência distinta, normas necessárias para uma separação das classes. Os burgueses agora também se apropriavam da praia.

Pode-se afirmar que novos conceitos, regras e hábitos não são assimilados por todos em um curto período de tempo. Quebrar as tradições e inserir novos valores em uma população é um processo lento, muitas vezes acompanhado de certa resistência. Mudar a interpretação que se tinha do mar, da praia, além de não ter sido de uma hora para a outra, não ocorreu de maneira uniforme. Foi um processo decorrente de outros, como exemplo, da modernização e industrialização que deixou a vida mais dinâmica, da nova lógica de consumo, do desenvolvimento dos meios de transporte, da melhoria das estradas, fatores que contribuíram de forma decisiva para um novo olhar em relação à praia e propiciou a emergência de outros grupos que freqüentavam esses espaços. A massa trabalhadora também desejosa de limpar sua pele dos resíduos industriais busca a

praia. Com a estrada de ferro despejando os operários nas estações balneares; origina-se a praia também como um espaço de lazer massificado.

3. A praia chega até Natal

Como discutimos ao longo do texto, a relação do homem com o meio modifica e altera os espaços. Os sentidos passaram do medo à cura, da cura ao prazer, de acordo com a passagem do tempo. Entretanto, as apropriações dos espaços, os sentidos, as transformações, mesmo chegando a diversas partes do mundo nem sempre estão em sincronia. Nos locais mais remotos em relação aos grandes centros, os processos desenvolvem-se mais tardiamente, no entanto, como lembra a historiadora Helicarla Morais, mesmo a distância “não impediu que os moradores desses pequenos centros se vissem atingidos por um turbilhão de mudanças que descaracterizava o espaço de sua vivência” (MORAIS, 2009. p.81).

Nas primeiras décadas do século passado, iniciou-se um processo de redefinição no olhar que a elite natalense em relação à natureza. Esta passa a ser percebida como uma aliada do homem. Pode-se observar que no início do século XX, os estudiosos da região chamaram a atenção para o isolamento da capital, causado por uma cadeia de dunas, tabuleiros de areia e rios. Segundo o pensamento dos jovens bacharéis, filhos da elite local, seriam os elementos naturais responsáveis pela paisagem monótona de Natal, pois a cidade estaria submersa por essa natureza que estimulava a apatia, a preguiça e o ócio. O progresso da capital desejado por essa elite era barrado pela força imperiosa da natureza que circundava a cidade, processo estudado pelo historiador Raimundo Arrais (2006), que afirma ser necessário vencer o isolamento imposto pelas barreiras naturais para colocar Natal no caminho do progresso.

A praia, ainda no início do século XX em Natal, era tida apenas como um depósito de lixo, um esgoto, pois foi hábito no Brasil nos períodos anteriores usar a praia como receptáculo de dejetos domésticos, sendo o mar transformado em sinônimo de sujeira.

Percebe-se então que o processo para “desvincular a imagem de esgoto do mar levou certo tempo aos brasileiros, [...] os discursos médicos convenceram as elites dos

benefícios ao corpo do banho de mar” (MARINHO, 2008). As literaturas médicas aos poucos vão sendo assimiladas e por iniciativa do Dr. Calistrato, médico natalense, no período em questão, foi fundada a primeira estação balneária de Natal, localizada na praia de Areia Preta, recebida com muito entusiasmo pela elite, que absorve as novas idéias e vai reordenando os espaços da cidade. A praia começa a receber então novos usos e é ordenada através de normas de condutas, como comportamento civilizado e vestuário adequado, que não era possível a todas as classes, fazendo com que o espaço fosse inicialmente ocupado pela elite da cidade (ARRAIS; ANDRADE; MARINHO, 2008).

A natureza sobre a qual estava assentada a capital ganha novos sentidos. Os benefícios do mar, cada vez mais, materializam-se no ideário natalense. Pode-se ressaltar a campanha publicitária do Café Petrópolis, no jornal *A República*, do dia 13 de fevereiro de 1924, que para atrair seus clientes, apresenta o ambiente como o ponto mais saudável de Natal pelos ares recebidos devido à proximidade com o oceano. Os saberes médicos são estrategicamente destacados para promover o ambiente. As mudanças, a ânsia pelo progresso vão moldando os espaços da cidade. A companhia de bondes Ferro Carril prolongou seus trilhos até a praia de Areia Preta, iniciando-se assim a construção de um novo cenário nas praias de Natal (Ibidem).

Várias transformações aconteceram, porém, as maiores transformações ocorridas no espaço urbano da cidade encontram-se na segunda metade do século XX. O cenário da capital é substituído por outra paisagem tendo como principais fatores o crescimento populacional desordenado, o aumento desmedido do funcionalismo público (que abriga a classe média tornando-a dependente do dinheiro público) e o crescimento do capital ligado ao mercado imobiliário apadrinhado pelo poder público local. A união desses fatores aliada à carência da iniciativa empresarial na capital natalense e à falta de um crescimento econômico, não cria o cenário ideal para um desenvolvimento econômico harmonioso na cidade.

Buscando sanar os inconvenientes econômicos da capital, Djalma Maranhão, que ocupou o cargo de prefeito da cidade do Natal, entre 1956-1959, foi o primeiro político que apontou para o reconhecimento das belezas naturais da cidade. Incentivando a prática do turismo, criou o Conselho Municipal do Turismo e dotou a

cidade com equipamentos de infra - estrutura básica. A partir de então, começam a ser pensadas e asseguradas políticas públicas para o incentivo do turismo que também vão moldar a paisagem de Natal, a exemplo de outras cidades litorâneas.

As praias da capital, habitadas anteriormente apenas por pescadores, foram invadidas por casas de veraneio de políticos, industriais, funcionários públicos e comerciantes locais. A partir das políticas de incentivo ao turismo, essas praias foram sendo planejadas pelo poder público. O turismo ressurgiu no discurso do poder público com a promessa do progresso econômico que finalmente conduziria Natal a um futuro promissor, como a força motriz capaz de solucionar os problemas sociais da cidade. Uma fração da cidade será escolhida, como é usual, para ser mostrada aos turistas. Planeja-se, segundo Lopes Jr., uma *Copacabana local*, para isso é construída uma avenida que liga a praia de Areia Preta até a praia de Ponta Negra; nasce a Via Costeira (LOPES, Jr., 2000).

Com a construção da Via Costeira, a dinâmica espacial da cidade é afastada do centro em direção ao sentido sul, desembocando em Ponta Negra, que foi dotada de instrumentos de apoio ao turismo, estabelecimentos e serviços que deram suporte à atividade através do atendimento direto ao visitante. Investiu-se nos meios de hospedagem e alimentação, agenciamento, lazer, compras e entretenimento que, integrados ao conjunto da infra-estrutura urbana e ao diferencial turístico, constituem, em parte, a força de atração de Natal. Essa oferta técnica se constitui num elemento necessário ao desenvolvimento da imagem de Natal como destino a ser desfrutado. A capital é construída turisticamente como a Cidade do Sol, materializada e identificada através da praia de Ponta negra, que tem seu espaço artificializado, mercantilizado e promovido. Com seu espaço cada vez mais cobiçado pelos turistas desejosos da praia, desejosos das relações harmoniosas com a natureza, Ponta Negra foi correspondendo aos critérios da paisagem construída para ser mostrada aos turistas, moldada em prol de um desenvolvimento econômico desejado e que a firma como o cartão postal da cidade.

A partir dessa discussão, afirmamos que a praia de Ponta Negra que é vendida hoje como paisagem natural aos turistas, na verdade, é uma paisagem construída para ser um espaço turístico, um cartão postal produzido a partir da interação entre o homem e o meio. O olhar do homem nomeou esse espaço, refletindo nele os sentidos e

significados do mundo em que vive, transformando esse pedaço de mar que começa a surgir para a população de Natal como um lugar agradável aos olhos nas primeiras décadas do século XX, em uma paisagem definida por novas sensibilidades, discursos, ritmos e práticas. Ponta Negra foi moldada para ser paisagem símbolo, foi articulada estrategicamente para construir e promover um espaço. Contemplá-la é uma viagem a uma paisagem construída e desejada pelo homem, é ter a visão de um elemento também cultural e não somente natural.

Ao contrário do que afirmou a promotora Gilka da Mata, pudemos comprovar ao longo do texto que o turismo se vende sim com paisagem construída, pois, “Antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente” (SCHAMA, 1996), fruto também dos sentimentos e anseios que projetamos sobre ela.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Nos destinos de fronteira**. Recife: Bagaço, 2008.
- _____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: JNB: Ed. Bagaço; São Paulo: Cortez. 2006.
- ARRAIS, R.; ANDRADE, A.; MARINHO, M. **O corpo e a alma da cidade**. Natal: EDUFRN, 2008.
- ARRAIS, R. Da natureza à técnica: a capital do Rio grande do Norte no início do século XX. In FERREIRA, Â. L.; DANTAS, G. (Org.). **Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)**. Natal: EDUFRN, 2006.
- COELHO, M. C. N. **Natureza e discurso ecoturístico na Amazônia**. Revista Território; n.5, 1998.
- CORBIN, A. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Schwarcz, 1989.
- FONSECA, Maria Aparecida da, **Espaço, políticas de turismo e competitividade**. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2005.
- GALDINO, L. **A divina comédia**, de Dante Alighieri. São Paulo: Escala Educacional, 2006. – (Série reviver).

LOPES, JÚNIOR, E. **A construção social da cidade do prazer: Natal**. Natal: EDUFRRN, 2000.

MARINHO, M. M. F. **Natal também civiliza-se: sociabilidade, prazer e esporte na Belle Époque Natalense (1900 a 1930)**. Dissertação de mestrado apresentada a UFRN, Natal-RN, 2008.

MIORANZA, C. **Filosofia: origens, conceitos, escolas e pensadores**, de Hector Leguizamon. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

MORAIS, H. **Três rios dentro de um homem: Nilo Pereira em Imagens do Ceará-Mirim 1920-1960**. Natal: EDUFRRN, 2009.

NATAL. **Guia Natal**. 13. ed. Natal: DG Designer gráfico e editora, 2009.

RODRIGUES, A. B. Território, patrimônio e turismo com base local- uma relação inequívoca. In SEABRA, G. (Org.). **Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. Ed. Unesp, São Paulo, 2002.

SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.